

Práticas espirituais para imaginar organizações pluriversais

KARINE DE MELLO FREIRE

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO - PUC RIO

GUSTAVO BERWANGER BITTENCOURT

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Introdução

como podemos nos libertar das amarras do patriarcado, da colonialidade, da heteronormatividade, do especismo, construídas na modernidade de modo imaginarmos alternativas sistêmicas para a ideia de desenvolvimento? A resposta é encontrar caminhos pluriversais, como propõe Kothari et. al (2021). Na matriz de alternativas, do universo ao pluriverso, a cultura, a ética e a espiritualidade são a base para repensar nossas relações entre humanos e mais-que humanos. O presente ensaio apresenta caminhos para imaginarmos organizações pluriversais a partir de práticas espirituais estruturadas.

Fundamentação e Discussão

A base do pluriverso é preservar a integridade, a estabilidade e a beleza da comunidade biótica, unindo conhecimentos ancestrais e contemporâneos em diálogos horizontais e respeitosos. A aproximação da espiritualidade com práticas voltadas para organizações tem maior chances de ser benéfica e frutífera quando parte de uma disciplina estruturada e uma relação autêntica dos designers com o caminho espiritual escolhido. Apresentamos duas práticas espirituais, o budismo e o yoga que nos ajudam a pensar na sustentabilidade nas práticas cotidianas de organizações pluriversais

Conclusão

O ensaio demonstra como práticas espirituais estruturadas, oriundas de tradições como o budismo e o yoga, podem oferecer bases metodológicas e éticas para a imaginação de organizações pluriversais. Apresenta a ferramenta adaptada MEIS na qual a incorporação de tais práticas nos processos estratégicos amplia a compreensão de interdependência, acolhimento e escuta profunda, estimulando formas de organização que não reproduzem a lógica que levou a insustentabilidade do planeta. Assim, abre-se um horizonte para estratégias organizacionais que valorizam a pluralidade de mundos.

Referências

FISCHER, Norman. O mundo poderia ser diferente: imaginação e o caminho do bodisatva. Teresópolis: Lúcida Letra, 2020. GOUVEIA, Ana Paula. Introdução à filosofia budista. São Paulo: Paulus, 2016. HANH, Thich Nhat. The Art of Living: Peace and Freedom in the Here and Now. Nova Iorque: HarperOne, 2017. HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. São Paulo: Ubu, 2023. KHOTARI, Ashish.; SALLEH, Ariel.; ESCOBAR, Arturo.; DEMARIA, Federico.; ACOSTA, Alberto. (Org.). Pluriverso: um dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

Palavras Chave

espiritualidade, pluriverso, cocriação

Agradecimento a órgão de fomento

Karine Freire conta com o apoio da bolsa Pós Doutorado Sênior da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ, processo SEI-260003/016639/2023)

Práticas espirituais para imaginar organizações pluriversais

1 INTRODUÇÃO

Em cinco anos, deveríamos atingir os objetivos de desenvolvimento sustentável criados pelas Nações Unidas para: acabarmos com a pobreza garantindo dignidade e equidade para as pessoas; protegermos o planeta para as gerações futuras; garantirmos vidas prósperas e plenas em harmonia com a Natureza; promovermos sociedades justas, pacíficas e inclusivas e desenvolvermos parcerias globais sólidas para implementarmos a agenda 2030. Por mais que tenham sido realizados esforços em diferentes frentes, estamos longe de atingir esses objetivos: o aquecimento global está atingindo a marca da elevação de 1,5° e testemunhamos secas e enchentes em diversas partes do globo. E os efeitos da devastação são desiguais: os povos mais conectados à Terra, como indígenas, ribeirinhos e quilombolas são os que mais sofrem esses impactos. Vivemos à beira de uma terceira guerra mundial e estamos muito distantes da promoção das sociedades justas, pacíficas e inclusivas. Pesquisas realizadas no Norte Global apontam um caminho necessário para atingir os objetivos do desenvolvimento sustentável: primeiro é necessário desenvolver habilidades interiores de desenvolvimento humano. Os *Inner Development Goals* são uma iniciativa sem fins lucrativos, de código aberto, comprometida em promover o desenvolvimento interior rumo a futuros mais sustentáveis. O desenvolvimento interior é inerentemente coletivo, sistêmico, multidimensional, não linear, complexo, emergente e confuso. (Inner Development Goals.org, 2025). O modelo tem 5 dimensões: ser (relacionamento consigo); pensar (habilidades cognitivas); relacionar-se e colaborar (importar-se com o outro e com o mundo); agir (possibilitar as mudanças).

Esses fatos nos levam a questionar as bases da crise planetária contemporânea que nos encontramos. Nos últimos 50 anos não faltaram estudos que apontassem caminhos para a transformação social e ambiental necessária na direção da sustentabilidade. Donna Haraway (2023) é precisa ao apontar que a crise que vivemos é fruto do capitaloceno, que explora a natureza e os corpos humanos e não humanos. Wolfgang Sachs (2021) aponta problemas associados ao conceito de desenvolvimento: é uma medida de comparação estatística entre nações, que usa o modelo do Norte Global como base – a exploração da natureza e das pessoas – para o fortalecimento das economias. O autor aponta que, para romper com essa mentalidade é necessário superar o medo do futuro, que se alastra do hemisfério norte para o hemisfério sul, o medo ligado às mudanças no sistema de produção vigentes que possam reduzir a expectativa de vida e o medo de que nossos filhos e netos sejam desfavorecidos. Sachs (2021) identifica três narrativas relacionadas ao medo do futuro: a fortaleza; o globalismo e a solidariedade. A narrativa da fortaleza reforça o orgulho nacional e a xenofobia; no globalismo há um ideal de mundo desregulamentado, de livre comércio, destinado a gerar riqueza e bem-estar a corporações e consumidores do mundo todo; e na solidariedade são valorizados os direitos humanos (coletivos e individuais) e os princípios ecológicos e as forças de mercado são meios para atingir um fim. A narrativa da solidariedade, tem como porta voz o Papa Francisco na carta encíclica *Laudato Si*: sobre o cuidado da casa comum, que aponta caminhos no qual a espiritualidade é fundante na mudança de mentalidade necessária para imaginarmos futuros ambientalmente saudáveis, socialmente justos, racialmente equânimes e seguros para pessoas de todos os gêneros.

Daí decorre a questão: como podemos nos libertar das amarras do patriarcado, da colonialidade, da heteronormatividade, do especismo, construídas na modernidade de modo imaginarmos alternativas sistêmicas para a ideia de desenvolvimento? A resposta é encontrar caminhos pluriversais, como propõe Kothari et. al (2021). No pluriverso:

“os mundos de todas as pessoas devem coexistir com dignidade e paz, sem depreciação, exploração ou miséria. Um mundo pluriversal supera atitudes patriarcais, racismo, castaísmo e outras formas de discriminação. Nele as pessoas reaprendem o

que significa ser uma parte humilde da ‘natureza’, deixando para trás noções antropocêntricas de progresso baseados no crescimento econômico.” (Kothari et. al. 2021; p. 46)

Na matriz de alternativas, do universo ao pluriverso, a cultura, a ética e a espiritualidade são a base para repensar nossas relações entre humanos e mais-que humanos. Os autores identificam que outra epistemologia é necessária, baseada na lógica relacional, como a racionalidade dos processos ecológicos.

A base do pluriverso é preservar a integridade, a estabilidade e a beleza da comunidade biótica, unindo conhecimentos ancestrais e contemporâneos em diálogos horizontais e respeitosos. Entre os caminhos pensados para uma biocivilização, os autores imaginam sociedades com os seguintes valores:

“diversidade e pluriversalidade; autonomia e autossuficiência; solidariedade e reciprocidade; bens comuns e ética coletiva; comunhão com a natureza e direitos da natureza; interdependência; simplicidade e suficiência; inclusão e dignidade; justiça e equidade; recusa de hierarquias; dignidade do trabalho; direitos e responsabilidades; sustentabilidade ecológica; não violência e paz e questionar como as práticas e conhecimentos tradicionais e modernos beneficiam a ‘masculinidade’ e os privilégios que a acompanham.” (Kothari et. al. 2021; p. 48-50)

A partir desses princípios, o presente ensaio apresenta caminhos para imaginarmos organizações pluriversais a partir de práticas espirituais estruturadas, fundadas em uma ética amorosa e respeitosa da diversidade cultural. Encontramos nas sabedorias ancestrais de desenvolvimento interior, do budismo e do yoga, insumos para a criação de processos para imaginarmos outras organizações possíveis.

2 ESPIRITUALIDADE ESTRUTURADA

A partir de diversas leituras, entendemos que a separação da vida em diferentes camadas é uma construção social que beneficia algumas organizações sociais em detrimento de outras.

Um dos principais achados dos primeiros anos de pesquisa, compreendemos, que a aproximação da espiritualidade de práticas voltadas para organizações tem maior chances de ser benéfica e frutífera quando parte de uma disciplina estruturada e uma relação autêntica dos designers com o caminho espiritual escolhido (omitido para revisão cega). Por disciplina estruturada, entendemos aquela que vem de uma linhagem, de uma escola com consistência filosófica e que oferece diretrizes práticas adaptadas à vida contemporânea. Além disso, não se baseia apenas na leitura individual e manual de teorias ou escrituras.

Fischer (2020), assinala que a disciplina espiritual deve ser um esforço contínuo e diário de desenvolvimento. Ele, como muitos outros mestres budistas, coloca a vida cotidiana como o verdadeiro campo da atividade espiritual e ressalta a necessidade de colocar em prática no dia-a-dia tudo aquilo que é contemplado em rituais ou estudos.

Assim, parafraseando Krishna Das (2011) que diz que não existe vida espiritual e vida mundana, existe apenas vida, a sustentabilidade está na vida e precisa emergir do interior para então se desdobrar na vida mundana. Apresentamos duas práticas espirituais, o budismo e o yoga que nos ajudam a pensar na sustentabilidade nas práticas cotidianas.

2.1 BUDISMO

Embora o budismo se apresente através de uma enorme variedade de escolas e linhagens, há princípios que são comuns a quase todas, como é o caso dos “Doze Elos da Originação Dependente” (Gouveia, 2016). Tal princípio, pode-se se dizer, está na base da ontologia budista pois descreve como os fenômenos externos (universos, mundos, objetos naturais e artificiais, acontecimentos) e internos (identidade, emoções, pensamentos, desejos)

surtem dentro do que a filosofia budista considera ser a “realidade relativa” que experienciamos, diferente da “realidade absoluta”, inefável, além de qualquer elaboração (Gouveia, 2016). O princípio da originação dependente é “descrito, examinado e explicado nesta teoria segundo a qual não existe nenhum fenômeno que não seja efeito de uma originação dependente; todos os fenômenos surgem em decorrência de uma série de fatores causais, de condições” (Gouveia, 2016, p; 192). A originação dependente é a base filosófica que demonstra a relacionalidade radical na ontologia budista: para este pensamento, não existe, em nível último, fenômenos separados, individuais. O que não quer dizer que o budismo abrace o conceito de “unidade” - e nem tampouco o “vazio” niilista. Esta posição intermediária entre o individual eterno e o vazio niilista é característica da filosofia budista e objeto de debates literalmente milenares, porém concordantes no princípio básico, relacional, de que “quando isto é, aquilo é” (Linga, 2010). O monge budista vietnamita Thich Nhat Hanh (1995) usa a expressão “interser” como forma de comunicar esse princípio. Amparado tanto na filosofia quanto na prática budista, Hahn (2017) propõe que “Tudo depende de tudo o mais para se manifestar.” Dessa perspectiva, compartilhada por todas as escolas budistas, não existe fenômeno, incluindo os seres, que exista de forma independente de outros fenômenos; tudo existe dependente de causas, condições e relações. Dessa forma, “Nós não existimos independentemente. Nós intersomos”. (Hahn, 2017)

2.2 YOGA

Yoga é uma sabedoria ancestral, milenar, oriunda da Índia, transmitida oralmente entre mestre e aprendiz e registrada por alguns sábios como o Yoga Sutras e Patanjali e o Haṭhayoga Pradīpikā de Svātmārāma Yogendra. O objetivo da yoga é a liberdade, um processo de autoconhecimento que tem o objetivo de reconhecer a si mesmo como alguém livre de limitações e a união do corpo, mente e espírito com o todo que é Atman. É vinculada a tradição não-dual dos Vedas, buscando a transcendência da identificação com todos os pares de opostos, condição essencial para o despertar da potencialidade humana. O Yoga busca levar o praticante a um ponto onde ele se perceba e se sinta como o Todo.

A perspectiva trazida pelo pesquisador Tales Nunes (2021) sintetiza a abordagem utilizada nesta pesquisa: yoga é um meio conhecimento do Ser, que conecta corpo e seus ritmos com os ritmos da Terra. Reconhece a realidade como uma trama infinita e interdependente. Para o autor, yoga é tanto os meios que usamos para nos lembrar da não separação quanto a própria visão de não separação” (p.23).

Há vários tipos de yoga quando desdobramos a filosofia em práticas. Uma delas, é o hathayoga, como uma tecnologia ancestral que trabalha os corpos físico, energético, psicoemocional, de sabedoria e de bem-aventurança por meio de práticas de posturas psicofísicas – *ásanas*, práticas respiratórias – *prāṇāyāmas*; práticas de gestos – *mudrás e bandhas*, práticas sonoras – *bijam e mantras*, práticas meditativas e sugestões de conduta ética e alimentar. Os *ásanas* são praticados para conquistarmos uma postura firme, saúde e flexibilidade. Os *prāṇāyāmas* são praticados para a expansão da força vital. Os *mudrás* evocam atitudes psicológicas e espirituais a partir de qualidades específicas, que refletem a nossa essência espiritual mais profunda presentes em nosso ser a espera de ser despertados. *Ásanas, prāṇāyāmas e mudrás* movimentam a respiração, a energia sutil e a consciência para partes específicas do corpo físico ao mesmo tempo em que suscitam estados de ânimo e sensações que vão de calmantes a energizantes (Yogendra, 2018; Le Page; Aboim, 2019). Outra abordagem é o Ashtanga yoga organizado por Patanjali no yoga sutras. São ensinamentos direcionados para a união com o Todo, uma jornada de autoconhecimento para o reconhecimento da própria natureza que é livre de sofrimentos e apegos. O começo da jornada é a desidentificação com a sequência de pensamentos da mente (memórias, dúvidas, decisões e ego) para que possamos

repousar na natureza do Ser: um estado de paz, livre de limitações. Yoga é viver o momento presente, lidando com as situações na maneira como elas se apresentam. Os pensamentos são de cinco tipos: conhecimento válido, conhecimento equivocado, fantasia, sonho e memória. Esses conhecimentos têm a possibilidade de te tirar do estado de paz ou não.

2.3 PRÁTICAS ESPIRITUAIS PARA COCRIAÇÃO DE ESTRATÉGIAS ORGANIZACIONAIS

2.3.1A Mandala Estratégica Da Inovação Social: MEIS

A Mandala Estratégica de Inovação Social surgiu como resultado de uma pesquisa de Mestrado em Design onde um grupo de pessoas envolvidas com a causa da Síndrome de Prader-Willi foram reunidas em dois workshops de Design Estratégico para criar um modelo de associação de pacientes diferentes dos modelos tradicionais. A MEIS surge como uma alternativa aos métodos tradicionais de formulação de estratégias (como o Planejamento Estratégico ou o Canvas do Modelo de Negócios) para organizações que desejam uma abordagem menos influenciada pela lógica dos negócios e mais conectada com aspirações sociais e colaborativas. As bases teóricas que fundamentam a MEIS são as práticas de Gestão por Mandalas, do Lama Padma Santem e o Social Innovation Scanner de Anna Meroni, Marta Corubolo e Matteo Bartolomeo.

A Gestão por Mandalas considera que, as identidades, relações, grupos sociais e ambientes que habitamos são construídas por nós e por isso precisamos inicialmente desenvolver uma série de habilidades e atitudes internas e externas, psicológicas e comportamentais, para podermos construí-las e habitá-las de forma mais benéfica em todas as direções.

As habilidades começam por acalmar a própria mente para identificar e desenvolver liberdade frente aos próprios padrões de pensamento e comportamento; sintonizar nossa atitude de acordo com qualidades consideradas inerentes a uma mente serena como compaixão, amor, equanimidade e regozijo é outra. O fundamental é compreender, ainda que superficialmente, que as “redes e relações” que construímos e habitamos podem ser vistas como mandalas onde simultaneamente treinamos e exercemos essas habilidades para nós, para os outros e para a biosfera. (SAMTEN 2019).

A porta de entrada para a mandala é a Sabedoria do Acolhimento, a capacidade de ouvir e acolher as pessoas a partir de seus contextos, valorizando suas qualidades que conduzem à construção de relações positivas consigo mesmo, com os outros e com o meio ambiente. Sentar em roda para conversar, é uma forma prática de demonstrar a Sabedoria do Acolhimento: todos integram o círculo a partir de uma posição equânime, todos podem enxergar e escutar uns aos outros mais facilmente e não há uma hierarquia física fruto de um púlpito ou palco. Ao nos sentarmos em roda, nos olhamos diretamente e pensamos sobre o que está andando bem e como podemos melhorar nossas vidas – a inteligência compassiva fundadora das redes, que dá sentido à nossa vida, brilha. Somos então capazes de entender e acolher as visões e os mundos dos outros, e surge a auto-organização como a capacidade coletiva de criar soluções práticas e ações em meio ao mundo. (SAMTEN, 2019).

A gestão por mandalas fruto de um trabalho de pessoas que compartilham uma cosmovisão fundada na filosofia budista Mahayana e em práticas cotidianas de desenvolvimento espiritual.

2.3.2 MEIS para organizações pluriversais

Avançando nas questões do pluriverso, entendemos que a espiritualidade é um elemento fundante da cosmovisão de vários povos, que interagem com o mundo a partir de ontologias relacionais. Partimos do princípio do interser, da interdependência e da coemergência daquilo que criamos com a atmosfera do ambiente em que estamos inseridos para criar uma proposta de conexão do grupo com os corpos físico, energético, psicoemocional, espiritual a partir do yoga, para então, imaginar outras possibilidades de organizações

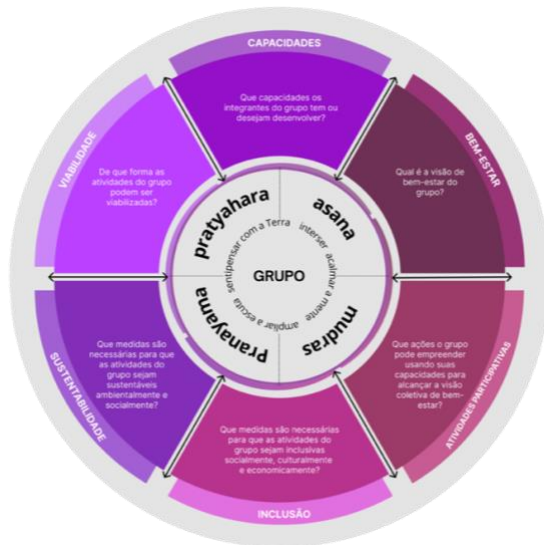
Para aplicarmos a MEIS com o objetivo de projetarmos organizações pluriversais, precisamos que todas as escolhas para a realização a atividade cocriativa sejam coerentes com os valores do pluriverso, desde o local, a caracterização do espaço físico, os alimentos, a temperatura, o silêncio e do som, a disposição dos participantes para a realização das atividades de imaginação. A intenção é ampliar a escuta e abrir espaço para a diversidade de novas ideias. Também deve ser considerada a relação do alimento consumido como uma relação criativa com mais-que-humanos, na medida que passa a dialogar com o organismo da pessoa que está no processo criativo. E o silêncio deve ser um elemento presente para acalmar a mente, estimular a observação dos pensamentos, perceber os estímulos do entorno, possibilitando a intervenção dos seres mais-que-humanos e o foco na expressão das ideias.

No desenho da prática de cocriativa, o critério principal de criação, decisão e corte deve ser o quanto cada elemento contribuirá para fomentar um envolvimento mais espiritual dos participantes, no sentido de conectarem-se à capacidade inata de seres humanos de colaborar a partir de um ponto de vista mais amplo, além de cada “eu”. Colocar o corpo em movimento e estimular os sentidos na relação com a materialidade no processo de imaginação pela visão, audição, olfato, tato e paladar, leva a escolha de trabalhar nas atividades que estimulem a interação do corpo com a ideia abstrata imaginada e a matéria, usando material impresso e técnicas de desenho, recorte e colagens.

Avançamos com a proposta da MEIS e optamos por partir do movimento do corpo para alcançar estados mais aguçados de consciência. Desenhamos uma prática de hatha yoga para flexibilizar o corpo como caminho para flexibilizar a mente; para acalmar o ritmo dos pensamentos e possibilitar a escuta das sutilezas; para perceber o corpo a partir de múltiplas possibilidades de pontos de vista; para reconhecer as limitações do corpo e avançar sem violência; para perceber a mudança que ocorre na realização de uma tarefa no encontro com outro corpo que sentipensa. Essas qualidades trabalhadas nos *asanas, mudras e pranayamas* da atividade de integração, deveriam ser levadas para o processo criativo. A partir dessa prática, a escuta atenta e o diálogo amoroso deveriam emergir.

Os movimentos de abertura, torção, retenção, inversão e equilíbrio trabalhados na prática do hatha-yoga foram levados para os movimentos propostos na prática de imaginação.

Figura 1 - Mandala Estratégica Da Inovação Social para organizações pluriversais



Fonte: Adaptada de (omitido para a revisão cega)

3 CONCLUSÃO

O ensaio demonstra como práticas espirituais estruturadas, oriundas de tradições como o budismo e o yoga, podem oferecer bases metodológicas e éticas para a imaginação de organizações pluriversais. Apresenta a ferramenta adaptada MEIS na qual a incorporação de tais práticas nos processos estratégicos amplia a compreensão de interdependência, acolhimento e escuta profunda, estimulando formas de organização que não reproduzem a lógica que levou a insustentabilidade do planeta. Assim, ao integrar a espiritualidade nas organizações, abre-se um horizonte para estratégias organizacionais que valorizam a pluralidade de mundos, a dignidade dos seres humanos e mais-que-humanos, e a construção de futuros justos e regenerativos

REFERÊNCIAS

- FISCHER, Norman. **O mundo poderia ser diferente: imaginação e o caminho do bodisatva**. Teresópolis: Lúcida Letra, 2020.
- GOUVEIA, Ana Paula. **Introdução à filosofia budista**. São Paulo: Paulus, 2016.
- HANH, Thich Nhat. **The Art of Living: Peace and Freedom in the Here and Now**. Nova Iorque: HarperOne, 2017.
- HARAWAY, Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes**. São Paulo: Ubu, 2023.
- KHOTARI, Ashish.; SALLEH, Ariel.; ESCOBAR, Arturo.; DEMARIA, Federico.; ACOSTA, Alberto. (Org.). **Pluriverso: um dicionário do pós-desenvolvimento**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- YOGENDRA, Svātmārāma. **Haṭhayoga Pradīpikā**. Tradução Kupfer Pedro. Ericeira: yogapro, 2018
- LE PAGE, Joseph; Aboim, Lilian. **Mudrás para cura e transformação**. Garopaba: Yoga Integrativa, 2019
- NUNES, Tales. **O esquecimento do ser: yoga como lembrança**. Florianópolis: ed. do autor, 2021.
- SACKS, Wolfgang . **Apresentação**. KHOTARI, A.; SALLEH, A.; ESCOBAR, A.; DEMARIA, F.; ACOSTA, A. (Org.). **Pluriverso: um dicionário do pós-desenvolvimento**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- SAMTEN, Padma. **Relações e redes**. Viamão: Ação Paramita, 2019.